

TRANSFORMAÇÕES RECENTES NA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CAFÉ

Eduardo Cesar Silva

Graduação em Tecnologia em Cafeicultura pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho. Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: educesar_muz@hotmail.com

Angélica da Silva Azevedo

Graduação em Administração pela Faculdade Estácio de Sá de Juiz de Fora. Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).
E-mail: angelica.soad@gmail.com

Luiz Gonzaga de Castro Junior

Graduação e Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Doutorado em Economia Aplicada pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular da Universidade Federal de Lavras (UFLA).
E-mail: gonzaga.ufla@gmail.com

Resumo

Com o fim da regulação da indústria de café, em 1990, o setor passou por grandes transformações. O objetivo deste trabalho foi descrever as mudanças recentes por meio da análise de dados estatísticos e informações sobre operações de fusões e aquisições de torrefadoras brasileiras. Os dados foram obtidos a partir de revisão de literatura, análise de séries estatísticas e levantamento sobre fusões e aquisições no setor. Os resultados mostram que consumo interno segue em crescimento desde 1990, mas nos últimos cinco anos houve redução no ritmo de expansão, o que pode sinalizar o amadurecimento do mercado. Houve acentuado processo de fusões e aquisições liderado por multinacionais, mas nos últimos anos grupos brasileiros fizeram algumas aquisições importantes. A concentração da indústria aumentou e houve queda nas exportações de café torrado e moído.

Palavras-chave: Fusões e Aquisições. Exportações. Consumo de Café.

Abstract

With the end of the Brazilian coffee industry regulation in 1990, the industry experienced major changes. The aim of this study was to describe recent changes through the analysis of statistical data and information on mergers and acquisitions of Brazilian roasters. The data were obtained from literature review, analysis of statistical series and survey on mergers and acquisitions in the sector. The results show that domestic consumption grows since 1990, but there was a reduction in the pace of expansion in the last five years, which may signal the maturing of the market. There was a strong process of mergers and acquisitions led by multinationals, but in recent years Brazilian groups have made some important acquisitions. The industry concentration increased and there was a fall in roasted and ground coffee exports.

Keywords: Merger and Acquisitions. Exports. Coffee Consumption.

1 INTRODUÇÃO

A cafeicultura possui papel relevante na economia brasileira. De acordo com Ponciano, Souza e Ney (2009), a economia cafeeira foi importante para o desenvolvimento econômico do Brasil e para a formação econômica das regiões mais dinâmicas do país. Ainda segundo os autores, desde o século XIX o país se configura como o maior produtor e exportador de café do mundo.

Atualmente, o café é o 4º maior agronegócio brasileiro em receita de exportações (BRASIL, 2017). Nos últimos anos (2010-2015) a participação do café brasileiro no total das exportações mundiais variou entre 30% e 35% (BRASIL, 2017).

De acordo com os levantamentos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), os principais estados produtores de café são Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia e Rondônia (BRASIL, 2016). Esses dados também mostram a importância do estado de Minas Gerais para a cafeicultura, sendo responsável por cerca de 50% da produção nacional.

Outra característica relevante na cadeia produtiva do café brasileiro é o seu elevado consumo interno. Atualmente, o país é o segundo maior consumidor mundial, em volume total (OIC, 2017). Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Café – ABIC (2016) o consumo interno alcançou 20,5 milhões de sacas de 60 kg em 2015, maior volume registrado até então. Um mercado doméstico tão grande constitui uma oportunidade de investimento para empresas nacionais e internacionais.

Observa-se que a partir de 1990, com a desregulamentação do mercado, houve um intenso processo de fusões e aquisições no setor. De acordo com Silva *et al.* (2011), as características do mercado interno, associadas a dispersão da indústria do café após a desregulamentação e a queda do consumo na Europa tornaram o Brasil um mercado atrativo para as empresas multinacionais do setor.

Além disso, ocorreram mudanças no perfil dos consumidores. De acordo com Santos e Weiss (2015), novos padrões de consumo têm contribuído para uma mudança na dinâmica da cadeia do café. A exigência dos consumidores por atributos como maior agregação de valor, qualidade e sustentabilidade influencia todo o sistema produtivo e promove alterações na estrutura da indústria.

Segundo o Relatório Brasil Food Trends 2020, os consumidores estão, cada vez mais, interessados em produtos que proporcionem maior sensorialidade e prazer durante o consumo; que sejam mais saudáveis e ofereçam bem estar; que se mostrem práticos no preparo e consumo; que sejam dotados de qualidade e provenientes de fontes confiáveis; além de serem produzidos de acordo com padrões éticos e sustentáveis (FIESP; ITAL, 2010). No consumo de café, essas mudanças são notadas principalmente no aumento das vendas de cafés em cápsulas e cafés de alta qualidade.

Diante deste novo cenário, a proposta do presente artigo é descrever as principais transformações recentes da indústria brasileira de café e analisá-las preliminarmente. Portanto, trata-se de um estudo com caráter descritivo e exploratório (GIL, 2008). Inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura sobre a indústria brasileira de café. A partir dela foi possível descrever as principais transformações estruturais do setor após a desregulamentação, ocorrida em 1990, mas constatou-se que a literatura sobre o tema ainda não aborda as mudanças mais recentes, especialmente a partir de 2010. Para a obtenção de uma descrição das

mudanças recentes, foram pesquisados bancos de dados estatísticos e notícias de fusões e aquisições entre as empresas do setor.

2 A DESREGULAMENTAÇÃO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CAFÉ

O sistema agroindustrial do café é formado pelos segmentos que, direta ou indiretamente, estão ligados aos processos de produção, beneficiamento, transformação e consumo (ABRANTES; ANTONIALLI, 2003). Pode ser dividido em três segmentos, sendo o segmento de insumos de produção, o de produção em nível de fazenda e o de beneficiamento e comercialização do grão (PONCIANO; SOUZA; NEY, 2009). O primeiro segmento é composto por produtores de insumos, como sementes, defensivos, fertilizantes e máquinas agrícolas; o segundo segmento abrange a produção rural de café e o terceiro segmento compreende os maquinistas, corretores, as cooperativas, as indústrias de torrefação e moagem, as indústrias de solúvel, os exportadores e os distribuidores (SAES; NUNES, 2001).

Segundo Bronzeri (2010), os segmentos que compõem a cadeia produtiva do café foram influenciados tanto pela regulamentação do setor, quanto, posteriormente, pela sua desregulamentação. De acordo com Saes e Silveira (2014), a regulação do mercado de café, realizada pelo Instituto Brasileiro de Café – IBC, ocorreu entre a década de 1950 e o início dos anos 1990.

Cabia ao IBC orientar e coordenar todas as estratégias inerentes ao setor, abrangendo desde a produção do café até a sua comercialização (SAES; NUNES, 2001). Dentre as medidas estabelecidas pelo IBC, Saes e Silveira (2014) ressaltam os subsídios oferecidos às empresas processadores para a aquisição de café verde nos momentos de oferta excessiva, o que estimulou o aumento número de indústrias nacionais e a expansão da capacidade instalada; e a fixação do preço do café no varejo, que prejudicou o estabelecimento de estratégias de segmentação e diferenciação do produto.

A política de incentivos à produção adotada pelo IBC privilegiava a quantidade e não se preocupava tanto com a qualidade, com garantias oferecidas pelo governo para os excedentes produzidos e a fixação dos preços, que abrangia apenas duas categorias de café (SAES; JAYO, 1997). Estas intervenções distorceram as estruturas de custos das empresas e incentivaram o baixo investimento em tecnologia por parte das indústrias. O acúmulo de ineficiência e o despreparo gerencial também são resultados da política protecionista pregada pela IBC (SAES; FARINA, 1998).

Os investimentos em capacitação gerencial, em desenvolvimento de produtos, em práticas para a redução de custos e em melhoria de processos também foram afetados pela regulamentação governamental, sendo desestimulados diante das políticas adotadas pelo IBC (SAES; NUNES, 2001). Estes fatores contribuíram para um atraso tecnológico e gerencial da indústria de café brasileira (OLIVEIRA, 2008).

De acordo com Saes e Nunes (2001), com o fim da regulamentação na década de 1990 e, conseqüentemente, a queda das barreiras que impediam a entrada de novas empresas no setor, o mercado foi tomado por uma forte competição via preço. Isto ocasionou o aumento da concentração no setor, juntamente com a elevação da taxa de rotatividade e com a intensa entrada e saída de pequenas empresas. Os autores também salientam que após a

desregulamentação as indústrias de torrefação se viram livres para definir seu próprio caminho.

Com maior liberdade gerencial dos seus recursos, os segmentos do sistema agroindustrial do café passaram a investir nos variados elos da cadeia, com o intuito de atingir resultados econômicos satisfatórios e atender aos consumidores tanto no quesito preço, quanto qualidade do produto final (MORICOCI *et al.*, 2003). As empresas perceberam possibilidades de ganhos, com o aumento de seu *market share* e a ampliação de seus mercados, conquistados principalmente por meio da diferenciação de produto (PONCIANO; SOUZA; NEY, 2009).

A diferenciação, conforme Saes e Spers (2006), é resultado do término do controle de preços, o que permitiu às firmas processadoras a adoção de estratégias que lhes possibilitassem maior rentabilidade perante seus concorrentes. Abrantes e Antonialli (2003) afirmam que, após a suspensão dos preços tabelados, observou-se um aumento na demanda de café. Para os autores, a tendência decrescente de consumo per capita de café no início dos anos 1990 conseguiu ser revertida, em parte graças a melhora na imagem relacionada a má qualidade do produto e devido ao momento oportuno criado a partir do Plano Real.

Em síntese, a extinção da regulação no setor concedeu à indústria maior autonomia no processo decisório, estimulou a concorrência e possibilitou ganhos de competitividade (NOGUEIRA; AGUIAR, 2011).

Percebe-se que a desregulamentação do setor provocou mudanças na estrutura da cadeia produtiva, principalmente no segmento de indústria. Para entender este novo cenário, Santos e Weiss (2015) analisaram a dinâmica concorrencial na indústria de torrefação após o término das atividades do IBC. Os resultados da pesquisa apontam uma intensificação da concorrência no setor, com a entrada de novos *players*. As grandes empresas internacionais interessadas em atuar no mercado brasileiro enxergam as aquisições ou fusões como alternativas para se estabelecerem.

Ainda segundo os autores, o aumento da concentração da indústria está diretamente relacionado aos novos padrões de consumo. De acordo com eles, para atender os novos hábitos, as empresas precisam realizar grandes investimentos, algo difícil para as torrefadoras menores que, para se manterem no mercado, precisam, muitas vezes, recorrer a estratégias de diferenciação ou atuar em nichos ainda inexplorados (SANTOS; WEISS, 2015).

A pesquisa realizada por Moricochi *et al.* (2003) teve o objetivo de analisar o perfil tecnológico da indústria brasileira de café torrado e moído. Os resultados apontam que o segmento de torrefação e moagem é composto, em sua maioria, por empresas de pequeno porte, que apenas vendem o café e não demonstram preocupações com qualidade, diferenciação de produtos e inserção em novos mercados. Já as empresas de médio e grande porte apresentam tecnologias apropriadas que permitem obter maior qualidade e atender nichos voltados para produtos diferenciados, além de buscar possíveis ampliações na participação de mercado. O estudo também aponta que o mercado interno é uma boa opção para a colocação de produtos com qualidade comprovada, isto tem atraído a atenção de empresas internacionais de peso, que começaram a investir no Brasil.

De acordo com Vegro *et al.* (2005), os avanços em tecnologia da informação e o crescimento na adesão ao comércio eletrônico correspondem a tendências que devem ser consideradas pelas torrefadoras ao determinar suas estratégias de comercialização. Os autores também afirmam que os mercados a serem explorados

pelo segmento de torrado e moído constituem, preferencialmente, nos países desenvolvidos do Leste Europeu e da Rússia. A distância do Brasil para estes países, combinado com as barreiras de entrada existentes, complicam a tarefa de exportação deste produto.

Segundo Vegro, Veiga Filho e Amaro (2003), a forte pulverização da indústria de café no Brasil juntamente com a alta ociosidade, observados após o período de regulamentação do setor cafeeiro nacional, favoreceu a reestruturação do setor com fusões e aquisições na indústria. Silva *et al.* (2011) complementam que as empresas nacionais e multinacionais que adentraram no mercado nacional, começaram a adquirir outras empresas com o propósito de se consolidarem no mercado. Isto resultou no aumento do nível de concentração no setor. Saes e Nakazone (2004) afirmam que o posto do Brasil como segundo maior consumidor de café do mundo, aliado a grande disponibilidade de matéria prima (café verde) no país são vistos como atrativos para a entrada de empresas multinacionais.

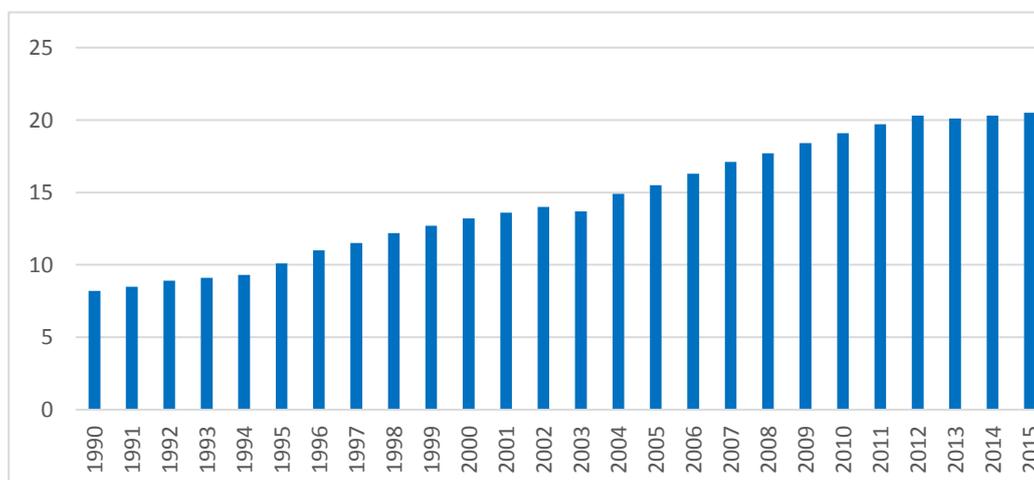
3 MUDANÇAS RECENTES NA INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CAFÉ

3.1 CONSUMO INTERNO

Após o fim da regulação do setor de café torrado e moído, o consumo apresentou consistente evolução como mostra a figura 1. No período entre 1990 e 2015 o consumo interno mais que dobrou, passando de 8,2 milhões de sacas para 20,5 milhões. Os únicos anos em que se registrou queda em relação ao período anterior foram 2003 e 2013.

Nota-se que o ritmo de crescimento diminuiu nos últimos anos. Entre 2010 e 2015 a evolução foi de 7,3%, mas entre 2005 e 2010 havia sido de 23,2%. Essa desaceleração pode refletir o amadurecimento do mercado brasileiro, que apresenta um consumo per capita elevado para os padrões mundiais. O baixo crescimento do consumo interno também ocorre na União Europeia e nos EUA, regiões onde a bebida se popularizou há mais tempo e o mercado é considerado maduro (SILVA *et al.*, 2011).

Figura 1 - Evolução do consumo interno de café no Brasil entre 1990 e 2015, em milhões de sacas de 60 kg.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da ABIC (2016).

Apesar do baixo crescimento recente do consumo total, o valor das vendas no varejo apresentou elevação de 89,8% entre 2009 e 2014, segundo dados da consultoria Euromonitor International (2015). Isso que significa que as indústrias conseguiram repassar parte do aumento dos custos para os consumidores e/ou aumentaram a venda de produtos com maior valor agregado.

3.2 FUSÕES E AQUISIÇÕES

As informações sobre as aquisições no setor brasileiro de torrefação e moagem de café foram compiladas de diversas fontes e são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Relação das operações de fusão e aquisição no Brasil.

Adquirente	Origem	Adquirida	Estado	Ano
Mitsui & Co. Ltd.	Japão	Mitsui-Yoshioka	SP	1990
Grupo Branco Peres	Brasil	Café do Centro	SP	1994
Café Damasco	Brasil	Café Negresco	PR	1996
Sara Lee	EUA	Café do Ponto	SP	1998
Sara Lee	EUA	Café Seletto	SP	1998
Café Damasco	Brasil	Café Pacheco	RS	1999
Sara Lee	EUA	Ativos de café da Cia. União	SP	2000
Nhá Benta Alimentos	Brasil	Café Tiradentes	SP	2000
Strauss	Israel	Café Três Corações	MG	2001
Segafredo Zaneti	Itália	Café Nacional	MG	2001
Minas Export	Brasil	Café Moka	SP	2003
Café Damasco	Brasil	Café América	BA	2003
Café Damasco	Brasil	Café Palheta	RJ	2004
Santa Clara	Brasil	Café Pimpinella	RJ	2004
Strauss	Israel	Santa Clara (50% - joint venture)	RN	2006
Café Toko	Brasil	Café Minas Rio	MG	2006
Melitta	Alemanha	Café Bom Jesus	RS	2007
Lavazza	Itália	Café Grão Nobre	RJ	2008
Sara Lee	EUA	Café Moka	SP	2008
Strauss/Santa Clara	Israel/Brasil	Café Letícia	MG	2009
Lavazza	Itália	Café Terra Brasil	SP	2009
Sara Lee	EUA	Minas Export	MG	2009
Sara Lee	EUA	Café Damasco	PR	2010
Grupo 3 Corações	Israel/Brasil	Café Fino Grão	MG	2011
Foods Alimentos	Brasil	Marca Café Seletto	SP	2012
Grupo 3 Corações	Israel/Brasil	Café Itamaraty	PR	2014
Brasil Espresso	Brasil	Café Astro	MG	2014
Café Três Marias	Brasil	Café Solúvel Brasília	MG	2015
Grupo 3 Corações	Israel/Brasil	Marcas de café da Cia. Iguaçu	PR	2016
Brasil Espresso	Brasil	Madame D'Orvilliers	SP	2016
Jacobs Douwe Egberts	Holanda	Foods Alimentos	MG	2016
AC Café	Brasil	Café do Centro	SP	s.d

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Silva *et al.* (2011), Vegro, Veiga Filho e Amaro (2003) e dados da pesquisa.

Foram identificadas 30 operações de aquisição de marcas, fábricas ou empresas de café e uma formação de joint venture no período entre 1990 e março de 2016. Destas, 17 foram realizadas por companhias de capital estrangeiro. As companhias que mais atuaram nestas operações foram a Sara Lee, com 6 aquisições no período, e o Strauss Group, envolvido em 5 aquisições e uma joint venture. A companhia israelense comprou o Café Três Corações em 2001 e, em 2006, formou uma joint venture com o Grupo Santa Clara, com cada uma das partes sendo dona de 50% da nova empresa. Posteriormente, a joint venture passou a se chamar Grupo Três Corações. Outras empresas multinacionais se limitaram à no máximo duas aquisições de torrefadoras nacionais. A Café Damasco foi a torrefadora brasileira que mais adquiriu concorrentes no período, com quatro aquisições. No entanto, em 2010 acabou sendo comprada pela Sara Lee.

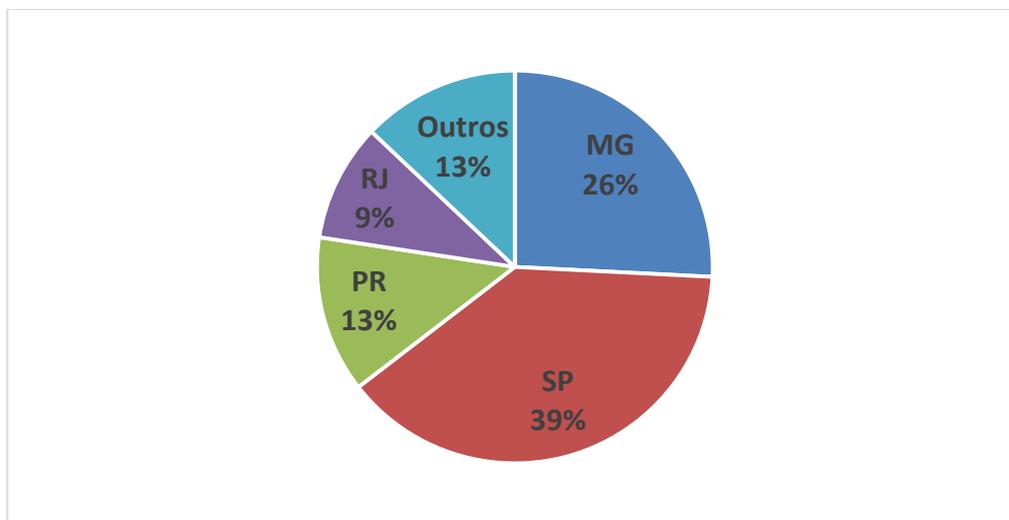
Na década de 1990 foram realizadas 6 aquisições, com destaque para a entrada da companhia norte-americana Sara Lee mediante a compra de duas das maiores torrefadoras brasileiras. Na década de 2000 foram identificadas 16 operações, caracterizadas pela consolidação da Sara Lee e pela entrada e consolidação do grupo Strauss. A partir de 2010, o Grupo Três Corações fez mais três aquisições e alcançou a primeira posição no ranking da ABIC, seguido pela Jacobs Douwe Egberts (antiga Sara Lee).

Entre 2007 e 2011 todas as operações identificadas foram de empresas internacionais que compraram ativos no país. As torrefadoras brasileiras voltaram ao protagonizar negócios em 2012, quando o grupo Foods Alimentos comprou a tradicional marca Café Selete, que pertencia à Sara Lee desde 1998. As vendas do Café Selete, por parte do novo dono, começaram em 2013 com fabricação terceirizada e, em 2014, foi inaugurada uma fábrica própria em Minas Gerais. Mas em 2016 a Jacobs Douwe Egberts, dona das marcas e ativos de café que pertenciam à Sara Lee, comprou a Foods Alimentos.

Outra compra significativa foi feita pelo Café Três Marias, que adquiriu a Café Solúvel Brasília, empresa com mais de 40 anos de mercado que encerrou as atividades em 2014 com prejuízos acumulados. A fábrica, localizada em Varginha, MG, foi reativada em 2016. Nos últimos anos, o Grupo Brasil Espresso comprou duas pequenas torrefações dos segmentos de food service e gourmet, e uma de suas controladas, a AC Café, adquiriu o Café do Centro em algum momento entre 2010 e 2014.

Geograficamente, as aquisições estão concentradas na região Sudeste, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais, conforme a figura 2. Isso reflete a própria distribuição geográfica das torrefadoras brasileiras, que estão em maior número na região sudeste, que é também a mais populosa e com maior renda do país.

Figura 2 – Distribuição geográfica operações de fusão e aquisição de torrefadoras brasileiras entre 1990 e 2016.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa.

3.3 CONCENTRAÇÃO DA INDÚSTRIA

O intenso processo de fusões e aquisições que ocorreu a partir de 1990 alterou o quadro das maiores torrefadoras do país. O quadro 2 compara as 10 maiores empresas de 2004 com as 10 maiores de 2015, segundo a ABIC (2016). Em 2004 o mercado já era liderado por uma companhia multinacional, a Sara Lee, mas haviam apenas mais duas multinacionais entre as maiores, ocupando a 3ª e a 6ª colocação. Nos anos subsequentes, o Grupo Três Corações assumiu a liderança do setor e a Sara Lee, então D. E. Cafés do Brasil, passou a ocupar o segundo lugar. A terceira posição é ocupada por uma empresa brasileira, mas as duas posições seguintes são de multinacionais. A lista das maiores é completada por outras cinco empresas nacionais.

Quadro 2 – Comparação entre as 10 maiores torrefadoras brasileiras em 2004 e 2015.

Posição	2004	2015
1	Sara Lee Cafés do Brasil Ltda.	Grupo Três Corações s/a.
2	Santa Clara Ind. e Com. de Alimentos Ltda.	D. E. Cafés do Brasil Ltda.
3	Mellita do Brasil Ind. e Com. Ltda.	Inds. Aliments. Marata Ltda.
4	Café Damasco Ltda	Mellita do Brasil Ind. e Com. Ltda.
5	Cia. Cacique de Café Solúvel	Mitsui Alimentos Ltda.
6	Mitsui Alimentos Ltda.	Cia. Cacique de Café Solúvel
7	Café Bom Dia Ltda.	Café Bom Dia Ltda.
8	Café Três Corações s/a.	São Braz s/a Ind. e Com. de Alimentos s.a.
9	São Braz s/a Ind. e Com. de Alimentos s.a.	Café Pacaembu Ltda.
10	Moka Trading Company Ltda.	Foods Ind. e Com. Ltda.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da ABIC (2016).

Em resumo, o número de torrefadoras internacionais entre as 5 maiores do país passou de 2 para 4 entre 2004 e 2015. Além disso, houve um aumento da concentração do setor, conforme a tabela 1. Entre 2002 e 2014 a participação das 10 maiores aumentou consideravelmente. Essas companhias possuem vantagens como a produção em maior escala, estrutura logística e capital para investir em marketing.

Tabela 1 – Participação de mercado, em volume, das maiores torrefadoras brasileiras em 2002 e 2014.

2002			2014		
Nº empresas	Volume mensal (sacas)	Participação	Nº empresas	Volume mensal (sacas)	Participação
10	460791	41,69%	10	823162	74,49%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da ABIC (2016).

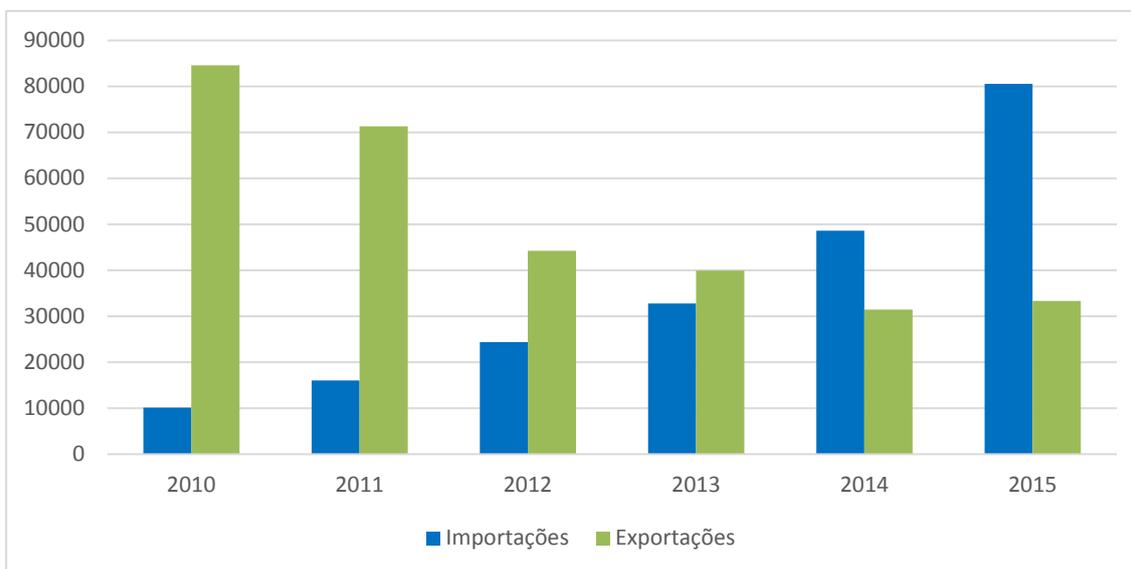
3.4 IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DE CAFÉ INDUSTRIALIZADO

Vegro *et al.* (2005) indicaram diversos fatores que dificultam a exportação de café torrado e moído a partir do Brasil. Entre eles há fatores internos, como a necessidade de investir em filiais internacionais, o alto custo para criar embalagens com design adequado ao mercado externo e limitações tecnológicas. Os autores apontam também fatores sistêmicos da própria indústria do café, como o fato das multinacionais que atuam no Brasil não terem interesse em exportar pelo país, já que possuem outras filiais para suprir o mercado internacional; e o rápido crescimento do mercado interno na época, comparado com a estagnação na Europa e Estados Unidos, o que não justificaria o esforço exportador.

A análise dos dados de exportação dos últimos 5 anos mostra uma tendência de redução no volume (-60,6%), ao mesmo tempo em que há expressivo aumento das importações (695,9%). Com isso, o país passou para a condição de importador líquido de café torrado e moído. A queda nas exportações pode ser resultado dos fatores já identificados por Vegro e agravada pela valorização da moeda brasileira frente ao dólar até 2014. A elevação das importações é explicada pelo crescimento do segmento de cafés em cápsulas. Trata-se uma tendência recente, mas que oferece qualidade e praticidade aos consumidores (SANTOS; SILVA; CASTRO JUNIOR, 2012). Essa tecnologia foi desenvolvida e popularizada por empresas multinacionais e em países desenvolvidos já representa grande parte do valor das vendas no varejo, conforme dados do Euromonitor International (2015).

Para atender o mercado brasileiro, as companhias importam as cápsulas fabricadas na Europa e a grande elevação do volume importado é apenas um reflexo da popularização dessa tecnologia. O aumento do consumo de café no mercado interno viabilizou a construção das primeiras fábricas no país, com duas grandes unidades em operação no início de 2016, e planos para a construção e outras nos próximos anos.

Gráfico 3 – Importações e exportações de café torrado e moído pelo Brasil entre 2010 e 2015, em equivalente de sacas de 60 kg de café verde.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados da ABIC (2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi descrever as mudanças recentes da indústria nacional de torrefação de café. A partir da análise de estatísticas do setor e informações sobre fusões e aquisições, foi possível elaborar um quadro atualizado sobre esse segmento do agronegócio café.

O consumo interno segue em crescimento desde 1990, mas nos últimos cinco anos houve redução no ritmo de expansão, o que pode sinalizar o amadurecimento do mercado interno nacional, tal como já ocorreu em outros países. Mesmo assim, o valor das vendas totais de café torrado e moído no varejo apresentaram significativa elevação entre 2009 e 2014. A compreensão adequada deste fenômeno poderá ser investigada por estudos futuros.

O processo de fusões e aquisições de empresas do setor, descrito anteriormente por Vegro, Veiga Filho e Amaro (2003) e Silva *et al.* (2011) continuou nos últimos anos. Entre as operações realizadas a partir de 2012, há a predominância de negócios realizados entre empresas de capital nacional, embora a joint venture que lidera tenha feito novas aquisições. Desde 1990 a maioria das empresas foram adquiridas por grupos multinacionais, tendo como alvo principalmente torrefadoras localizadas em São Paulo e Minas Gerais. Uma das consequências desse processo foi o aumento da concentração no setor, que agora é liderado principalmente pelas multinacionais.

Nos últimos anos a exportações de torrado e moído caíram, ao mesmo tempo em que as importações dispararam. O aumento das importações se deve a popularização do consumo de café em cápsulas. Estas, por sua vez, ainda são fabricadas majoritariamente no exterior, mas a construção de fábricas próprias no país deverá mudar esse quadro nos próximos anos.

A principal limitação do trabalho é foi a utilização apenas de dados secundários, que embora muito úteis na descrição das mudanças recentes, são limitados em abrangência. Diante do novo cenário da indústria de café, aqui apresentado, novos estudos poderão ser elaborados com obtenção de informações de fontes primárias. Entre os temas que podem ser pesquisados em maior profundidade, destacam-se os novos hábitos de consumo de café, a dinâmica no novo segmento de café em cápsulas e as estratégias das pequenas e médias torrefadoras diante da concentração do mercado.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, L. A.; ANTONIALLI, L. M. Análise da Competitividade do Segmento Processador da Cadeia Agroindustrial do Café no Estado de Minas Gerais. *In: Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC*, 2003, Guarapari. X Congresso Brasileiro de Custos, 2003.

ABID. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CAFÉ. **Estatísticas**. 2016. Disponível em: <<http://abic.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BRASIL. Companhia Nacional de Abastecimento. **Acompanhamento da Safra Brasileira de Café**, v. 3 – Safra 2016, n.3 – quarto levantamento, dezembro de 2016. 2016. Disponível em <http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1253&ordem=criterioSafra1&Pagina_objcmsconteudos=2#A_objcmsconteudos>. Acesso em: 22 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Política Agrícola. **Informações Estatísticas do Café**: dezembro de 2016. 2017. Disponível em: <http://www.consorcioesquisacafe.com.br/index.php/imprensa/noticias/420apre_spdfviiiispcb>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BRONZERI, M. S. Estratégias na cadeia produtiva do café: Uma análise de empresas e produtores do norte pioneiro do Paraná. *In: Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais*, v. 13, 2010, São Paulo.

EUROMONITOR INTERNATIONAL. **Industries**. 2015. Disponível em: <<http://www.euromonitor.com/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

FIESP; ITAL. **Brasil Food Trends 2020**. 2010. Disponível em: <<http://www.brazilfoodtrends.com.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORICOCCHI, L.; NOGUEIRA JUNIOR, S.; MONTEIRO, J. L. M.; ALVES, H. S.; ÂNGELO, J. A.; PINO, F. A. Perfil tecnológico da indústria de café torrado e moído. **Agricultura em São Paulo**, p. 53-72, 2003.

NOGUEIRA, F. T. P.; AGUIAR, D. R. D. Efeitos da desregulamentação na extensão e no grau de integração do mercado brasileiro de café. **Revista de Economia**, v. 37, n. 3, p. 21-46, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/economia/article/view/27532>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

OLIVEIRA, L. Capacidades diferenciadoras como vantagem competitiva nas empresas torrefadoras de café. **Revista de Administração da UFSM**, v. 1, n. 1, p. 85-100, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/view/571>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

OIC. ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ. **Dados Históricos**. 2017. Disponível em: <http://www.ico.org/pt/new_historical_p.asp?section=Estat%EDstica>. Acesso em: 18 fev. 2017.

PONCIANO, N. J.; SOUZA, P. M.; NEY, M. G. Ajustamentos na cadeia agroindustrial do café brasileiro após a desregulamentação. **Revista IDEAS**, v. 3, n. 2, p. 256-287, jul./dez. 2009.

SAES, M. S. M.; FARINA, E. M. M. Q. Associação Brasileira da Indústria de Café-ABIC: ações conjuntas e novos desafios frente a reestruturação de mercado. *In: VIII Seminário Internacional Pensa de Agribusiness 1998*. Pensa/FEA-USP, 1998.

SAES, M. S. M.; JAYO, M. CACCER: Coordenando ações para a valorização do Café do Cerrado. *In: VII Seminário Internacional PENSA de Agribusiness*, São Paulo, 1997.

SAES, M. S. M.; NUNES, R. O desempenho das MPEs na indústria de torrefação e moagem de café. **Relatório de pesquisa**, 2001.

SAES, M. S. M.; NAKAZONE, D. O Agronegócio Café do Brasil no Mercado Internacional. **Revista FAE BUSINESS**, n. 9, Setembro/2004.

SAES, M. S. M.; SILVEIRA, R. L. F. Novas formas de organização das cadeias agrícolas brasileiras: tendências recentes. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 22, n. 2, p. 386-407, 2014. Disponível em: <<http://r1.ufrrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/389>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

SAES, M. S. M.; SPERS, E. E. Percepção do consumidor sobre os atributos de diferenciação no segmento rural: café no mercado interno. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 8, n. 3, p. 354-367, 2006. Disponível em <<http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/160>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

SANTOS, M.; WEISS, C. Os Efeitos da Desregulamentação na Dinâmica Agroindustrial da Cadeia do Café. **Revista Gestão e Desenvolvimento em Contexto**, v. 3, n. 2, p. 50-61, 2015. Disponível em: <<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/GEDECON/article/view/868>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

SANTOS, P. H. A.; SILVA, E. C.; CASTRO JUNIOR, L. G. **Introdução ao Mercado de Café em Dose Única e Perspectivas para o Brasil**. 2012. Disponível em <https://issuu.com/educesar/docs/dose__nica>. Acesso em: 10 fev. 2017.

SILVA, E. C.; AZEVEDO, A. S.; SANTOS, A. C.; CASTRO JUNIOR, L. G. Fusões e Aquisições na Indústria Brasileira de Torrefação e Moagem de Café. *In: 49º Congresso da SOBER*, 2011, Belo Horizonte. 49º Congresso da SOBER, 2011.

VEGRO, C. L. R.; PINO, F. A.; MORICOCHI, L.; NOGUEIRA JUNIOR, S. Restrições à exportação de café torrado e moído. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 2, 2005.

VEGRO, C. L. R.; VEIGA FILHO, A. A.; AMARO, A. A. Fusões e Aquisições na Indústria de Alimentos e Bebidas: os segmentos do café, sucoalcooleiro e sucos cítricos. *In: V Encontro de Economistas da Língua Portuguesa*, Recife. 2003.